



BERNARDO MELLO FRANCO

É hora de cobrar responsabilidade

Na noite em que atiraram contra a caravana do ex-presidente Lula, o governador Geraldo Alckmin foi ao cinema. Depois de assistir a um filme sobre o bispo Edir Macedo, o tucano foi instado a comentar o ataque ao adversário político. "Acho que eles estão colhendo o que plantaram", respondeu. Para quem busca se vender como candidato de "centro", a declaração foi um tiro pela culatra. Diante da repercussão negativa, o marketing entrou em campo e operou uma mudança de tom. Ontem de manhã, Alckmin tuitou que "toda forma de violência tem que ser condenada" e que é "papel das autoridades apurar e punir os tiros contra a caravana do PT".

O episódio deixa uma dúvida: o candidato a presidente usará o figurino de es-

tadista ou voltará a ser o governador que, após uma chacinca em seu estado, disse que "quem não reagiu está vivo"? O Brasil está às vésperas de uma campanha tensa, em que a violência das ruas e a intolerância das redes ameaçam transbordar para a corrida eleitoral. É hora de cobrar responsabilidade dos políticos que dizem respeitar as regras da democracia e do convívio civilizado. A senadora Gleisi Hoffmann, do PT, já deu sua cota à insensatez ao dizer que seria preciso "matar gente" para se cumprir uma decisão judicial contra Lula. No último sábado, a senadora Ana Amélia, do PP, exaltou os ganchos que hostilizaram e jogaram ovos contra a caravana petista. As duas recuaram, mas o discurso incendiário já havia inflamado a militância.

Ontem Jair Bolsonaro usou a emboscada aos ônibus para atingir seu eleitorado. "Lula quis transformar o Brasil num galinheiro. Agora está colhendo os ovos", debochou o deputado. Sem exibir provas, ele ainda sugeriu que os tiros teriam sido disparados pelos próprios petistas. No caso de Bolsonaro, cobrar responsabilidade seria apenas perda de tempo.

Em dois dias, o ministro Dias Toffoli voltou Jorge Piccini, mandou Paulo Maluf para casa e devolveu os direitos políticos do senador cassado Demóstenes Torres. Daqui a seis meses, Toffoli assumirá a presidência do Supremo Tribunal Federal. Antes de vestir a toga, ele foi repreendido em dois concursos para juiz. ●

Conte algo que não sei

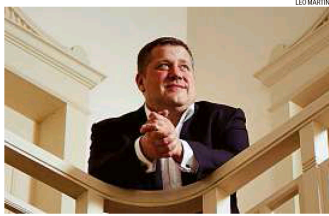
'Vivemos um momento sem precedentes de corrupção'

Thomas Legler, professor e pesquisador de Relações Internacionais

Canadense veio ao Rio para discutir questões políticas da América Latina a convite do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da PUC

"Ministro aulas no campo das Relações Internacionais na Cidade do México. Faço parte da equipe observadora de eleições do Carter Center, da OEA. Também trabalhei como consultor na Comissão de Verdade e Reconciliação de Honduras."

ENTREVISTA A:
MATHÉUS MEYHOAS
mathheus.meyhas@infoglobo.com.br



sava de uma estratégia para ganhar tempo. A oposição, por outro lado, é incapaz de se unir em uma única frente, o que dificulta a construção do diálogo.

Qual é o caminho para mudar uma situação como a da Venezuela?

Internamente, a força da oposição tem de superar o poder organizacional do regime de Nicolás Maduro. Isso requer uma oposição unida. Internacionalmente, precisamos que diferentes organizações, de diferentes lugares, como a Unasul, o Mercosul e a OEA, cooperem e coordenem seus esforços. O papel dos EUA é bem questionável. Mas isso é positivo, prefiro que os países latino-americanos encontrem as soluções para si mesmos. O governo venezuelano é autoritário. Como tem indicado no último ano, não tem qualquer desejo de restaurar a democracia, mesmo que em seus próprios termos locais.

Qual é o seu sonho para a América Latina?

Meu sonho é que a educação se espalhe pela América Latina. As redes de ensino são muito ruins. Se as pessoas têm mais acesso à educação, toleram menos a corrupção. Um dos grandes problemas da América Latina são as elites. Não preciso nem falar da desigualdade nesses países. Isso começa do topo. A única maneira de mudar é educando as pessoas.

• **Conte algo que não sei.** Não é produtivo. A própria Venezuela já anunciou que quer sair da OEA. Precisamos pensar nas consequências de uma suspensão, que passa uma mensagem de isolamento. Se o interesse é resolver, é uma medida incorreta. É simbólica, mas não é eficiente. São necessárias outras formas de sanções, inteligentes, coordenadas, que dificultem a negociação da dívida venezuelana. Suspensões, por outro lado, cortam os laços de comunicação. Para gerar mudança de comportamento, é preciso manter aberto um canal de diálogo.

Como o senhor vê a atuação do presidente Michel Temer como líder brasileiro?

Parte da ausência de liderança é culpa de um momento sem precedentes em termos de corrupção. Temos líderes no México, no Peru, no Brasil, que

• **E o pedido do Brasil para banir a Venezuela da Organização dos Estados Americanos?**

O passo a passo para acessar o conteúdo on-line do GLOBO

1 Se você já é assinante do GLOBO, acesse o site (www.oglobo.com.br) e clique no botão "entrar", localizado no alto da página, à direita*

ÁREA DE CADASTRO



2 Uma nova janela será aberta. Caso você já tenha feito seu cadastro, digite seu e-mail e a senha; caso ainda não tenha se cadastrado, clique no botão "cadastre-se", localizado à direita, embaixo

3 Digite seu nome, o e-mail vinculado à assinatura e escolha uma senha que tenha de oito a 15 dígitos. Marque as duas caixas de verificação e clique em "cadastrear". Tenha o número do CPF do titular da assinatura à mão

4 Você vai receber um e-mail com um link para a ativação do cadastro. Clique neste link e comece a navegar

5 Guarde a senha em lugar seguro para usá-la quando o site do GLOBO solicitar o login. Caso perca a senha, você pode recuperá-la no site. Você já está apto a acessar todos os conteúdos exclusivos produzidos pelo GLOBO

*Válido para assinantes que recebem o jornal diariamente ou que tenham contratado o pacote digital

Loterias

* O usuário deve checar os resultados em agências oficiais ou no site do GLOBO. Sempre consulte o site do GLOBO para mais informações. Os resultados são publicados diariamente sempre no fim de cada jogo. O GLOBO não se responsabiliza por erros de digitação.

| MEGA-SENA | 2.026 | LOTOFÁCIL | 1.642 | QUINA | 4.641 |
|-----------|-------|-------------------------|-------|----------|-------|
| 10 23 31 | | 02 05 06 07 10 11 13 15 | | 01 15 59 | |
| 33 51 52 | | 17 18 19 20 22 24 25 | | 68 72 | |

Poder em jogo



LYDIA MEDEIROS

Caixa na mira do Congresso

Senadores subiram o tom ontem e ficaram revoltados com o forte aumento da taxa de administração cobrada pela Caixa em contratos entre a União e os municípios, especialmente no caso de emendas parlamentares. Como mostrou esta coluna, as emendas, instrumentos eficientes em ano eleitoral, perdem valor com o desconto. O Senado estuda com a Câmara derrubar a cobrança, que passou de 2,5% para até 12%. "As taxas são extorsivas", reclamou o senador Cássio Cunha Lima (PSDB-PB). Uma emenda de R\$ 200 mil, por exemplo, terá um desconto de R\$ 14 mil (7,05%). Dario Berger (PMDB-SC) emendou: "Se o presidente tiver conhecimento disso, ele está contra o pacto federativo." É um novo problema na agenda de Temer com o Congresso e os prefeitos — cobicados cabos eleitorais.

Holofotes

Causou bastante desconforto no Supremo a entrevista do ministro Edson Fachin ao repórter Roberto D'Ávila, em que revelou que ele e sua família vêm sofrendo ameaças. Fachin não é o único ministro da Casa a ter proteção policial, e alguns de seus colegas acharam que ele expôs ainda mais o tribunal, num momento difícil.

Sem desconto no salário

A Justiça do Trabalho em Jabotão dos Guararapes (PE) concedeu liminar à rede de lojas Riachuelo desobrigando a empresa a recolher contribuição sindical dos funcionários, como queria o sindicato dos empregados do comércio local. Na decisão ao mandado de segurança apresentado pelo escritório Bichara Advogados, o desembargador Valdir José Silva de Carvalho confirma a constitucionalidade da reforma trabalhista, que tornou o imposto facultativo. O dono da Riachuelo, Flávio Rocha, lançou-se candidato ao Planalto pelo PRB, na terça-feira.

Reforma da reforma

Desde a aprovação da reforma, sindicatos tentam driblar a lei cobrando o imposto sindical. Já são 18 as ações de sindicatos trabalhistas e patronais no Supremo Tribunal Federal pedindo o veto à reforma trabalhista por suposta inconstitucionalidade. Do total, 13 pretendem reinstalar o imposto sindical obrigatório.

Mudança de hábitos

Presidente da Petrobras, Pedro Parente passou por uma semana no Congresso. A estatal anunciou o fechamento de fábricas de fertilizantes, na Bahia e em Sergipe. A reação foi imediata. Houve ameaça de motim contra o governo, em reunião com as bancadas dos dois estados. Parente propôs, então, manter a produção por mais 120 dias. Habituaados à ideia de que a Petrobras faz o que o governo manda, ninguém acreditou quando ele disse que Temer não sabia da decisão. Paulo Magalhães (BA) foi irônico: "Pior ainda".

Agredo à base

Na estratégia de dar mais espaço a pautas de parlamentares em contraponto ao Planalto, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM), deu sinal positivo para uma semana de votações de projetos sobre ciência e tecnologia, a exemplo do que foi feito com a Segurança Pública. A missão de reunir as prioridades dos partidos está nas mãos do PT, com o deputado Celso Passera.

Sem romance

Diferentemente das últimas obras baseadas na Lava-lava, os delegados federais não são retratados com "tanto romantismo" no livro que trará os testemunhos do "japonês da Federal" sobre a operação. A obra que aborda a vida de Newton Kishi, escrita pelo jornalista Luis Humberto Carrizo, deve ser lançada pela Rocco até julho.

Depois da fama

Na sessão de ontem no Senado, Dario Berger (PMDB-SC) desabafou com os colegas. Ex-prefeito, contou que foi reeleito em Florianópolis com 85% dos votos. "Agora, convivo com índice de popularidade extremamente baixo", lamentou. Ex-governador, Cristovam Buarque (PPS-DF) consolou-o: "O senhor não é o único nisso, fique certo".

Com Amanda Almeida
poderemjogo@oglobo.com.br